

# FERROL 1916

Cinco duros pagábamos de aluguer.

Era um terceiro andar, bem folgado.

Pola parte de atrás dava para o Campinho,  
e por diante para a rua de San Francisco.

No segundo vivia a minha tia aboa:

Tiña unha peza cheia de paxaros disecados  
que só abría os días de festa  
para que os nenos disfrutásemos nela.

Ainda vivia minha mãe

e todos os meus irmaos viviam,

e em frente trabalhava o senhor Pedro o  
tanoeiro,

e a grande tenda de efeitos navais mantinha o  
seu trafego.

Na casa tinhamos pombas

e, por suposto, un grande gato mouro;

e o meu pai era novo ainda

e no mar do mundo cada día descubria eu unha  
ilha.

Via o mar da minha fiestra,

e chegavam cornetas da marinha.

E baixava os degraus duas veces ao día para ir  
à escola,  
e duas veces rubia-os de volta.

As mulheres entom usavam capa e *corsé*,

e íamos à aldeia em coche de cavalos,

e a rua estava ategada de pregons de  
sardinhas

e de ingleses que vendiam Bíblias.

Eu tinha un pacto con Deus:

que ninguén dos meus morreria.

E o pacto era observado,

e eu confiaba na perenidade do pacto.

Todo isto fica tam longe

que aduro podo ainda lembrá-lo.

Esqueceria-o dentro de pouco tempo

se non escrebese estes versos.

Ricardo Carvalho Galero